



DA GEOGRAFIA AO GRANDE SERTÃO BENJAMINIANO¹

Jéssica Martins da Silva²

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar o conteúdo narrativo da obra Grande Sertão: Veredas a luz da teoria benjaminiana. Como metodologia foi realizada leituras em livros, teses, dissertações e artigos para embasamento teórico. O artigo está em andamento. Como resultados foi considerado que a partir do conteúdo narrativo da obra é possível adentrar em questões espaciais inerentes ao contexto social do Brasil. A partir da voz de Riobaldo, narrador e fazendeiro, é possível reconhecer outras vozes que compõe o sertão, as vozes dos vencidos. Nesse sentido, a partir da narração de Riobaldo é possível entender a estrutura agrária brasileira no contexto da obra, bem como outras questões de opressão que aparecem no Grande Sertão: Veredas.

Palavras chaves: Literatura, Grande Sertão: Veredas, Geografia

Resumiendo: El tema del presente estudio tiene como objetivo analizar o contenido narrativo de la obra Grande Sertão: Veredas a la luz de la teoría de Benjamin. Como metodología he estado leyendo libros, tesis, disertaciones y artículos de base teórica. El artículo está en proceso. Se consideró que desde el contenido narrativo de la obra es posible adentrarse en las cuestiones espaciales inherentes al contexto social de Brasil. Desde la voz de Riobaldo, narrador y campesino, es posible reconocer otras voces que componen o sertão, como dos voces derrotadas. En este sentido, a partir de la narración de Riobaldo, es posible comprender la estructura agraria brasileña sin el contexto del libro, así como otros temas de opresión que surgen en el Grande Sertão: veredas.

Palabras clave: Literatura, Grande Sertão: Veredas, Geografia.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma essencialidade ao ser humano. Diante de tantas possibilidades, ela é também uma forma de viajar no tempo e espaço. Possui o poder de transfigurar a realidade histórica e espacial. Isso a torna uma grande aliada da Geografia.

O presente estudo tem como objetivo analisar o conteúdo narrativo da obra Grande Sertão: Veredas a luz da teoria benjaminiana. Para tanto compõe como procedimentos metodológicos leituras e discursões teóricas sobre a relação entre a Arte e a Geografia, sobre as concepções benjaminianas e sobre o Grande Sertão: Veredas. Esse artigo parte de reflexões da pesquisa de mestrado que está em andamento.

¹ O presente trabalho surge a partir de reflexões do projeto de pesquisa para dissertação de mestrado. Portanto é um trabalho inconcluso.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade federal da Bahia – POSGEO UFBA, Instituto de Geociências.



A obra literária *Grande Sertão: Veredas* vai além do regionalismo, pois revela um caráter universal. Diante das diversas abordagens e interpretações dessa obra, Siffert (2017) defende que o *Grande Sertão: Veredas* é também uma obra realista pois, revela questões sobre o Brasil, como a modernização que adentra o sertão roseano. A partir do caráter realista da obra é possível refletir sobre questões sociais abordadas pela literatura.

A arte é uma forma de demonstração da realidade. Embasado nas Leituras Lukacsianas, Teófilo e Santos (2017) salientam que a literatura reflete a realidade tanto quanto a ciência. Ambas se diferem pela forma de abordagem; a arte por meio da subjetividade e a ciência por meio da objetividade. Se a arte tem o potencial de revelar a realidade, também pode apresentar questões geográficas, pois a ciência geográfica se propõe a estudar a realidade concreta, a forma como o mundo se apresenta a partir do seu objeto de estudo que é o espaço geográfico. O espaço e o tempo são categorias presente na literatura. Nesse sentido, a partir dessas categorias é possível uma relação entre a Geografia e a literatura. Diferentes Geógrafos debatem sobre essa relação a partir do espaço e do tempo; dentre eles podemos citar Conceição (2012), Figueiredo (2014), Moreira (2010), entre outros. Esses autores defendem a relação do tempo e do espaço na literatura.

Para Figueiredo (2014) a Geografia interpreta a espacialidade através de suas categorias específicas: espaço, território, lugar, paisagem, que são formas de ler, interpretar, conhecer e manipular a realidade. A partir do espaço a literatura encarna uma forma de análise da ciência geográfica. Pois, a Geografia se encontra na literatura, ao mesmo tempo em que a literatura revela diferentes formas de interpretação das espacialidades. Nesse sentido aponta Figueiredo (2014):

A Literatura converte-se em uma dessas interpretações das categorias analíticas da Geografia, pois se transforma em uma forma de compreensão espacial com suas especificidades de linguagens simbólicas, um local onde os personagens manifestam sua existência suas relações subjetivas materializadas (FIGUEIREDO, 2014, p. 40).

Segundo o autor, é no espaço que os personagens materializam seu ser. O enredo acontece em um espaço e tempo. Os personagens também produzem e reproduzem o espaço geográfico. A partir das interações entre os sujeitos em seu cotidiano e da realidade social que a literatura pode apresentar, está o espaço fictício que revela questões essenciais sobre a realidade objetiva.



Moraes (2005) ao discutir sobre a questão do sujeito na produção do espaço, aborda as formas espaciais como produtos históricos, sendo o espaço resultado da ação humana na superfície terrestre. Moraes corrobora que a produção do espaço pressupõe uma teleologia:

As formas espaciais são produtos de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais. Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. Enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias (MORAES, 2005, p.16)

O autor considera que a produção do espaço pressupõe uma finalidade, um pré-idealizar mentalmente a ação. Ele explica que na sociedade existem valores sociais que inserem diferentes indivíduos em projetos políticos comuns. Para o autor “As leituras individuais do mundo se fazem por parâmetros gestados pela sociedade. Os conceitos, os significados, a própria linguagem, são produtos sociais” (MORAES, 2005, p.17). Há valores sociais que atendem a interesses políticos comuns e que comunga com a concepção de mundo. Nesse sentido, a arte, em específico a literatura, pode demonstrar a partir da linguagem e do discurso às concepções de mundo de uma época. Está implícita na literatura as intencionalidades políticas e econômicas por trás da produção espacial que reverbera em desigualdades socioespaciais, como o domínio de uma classe frente à outra.

Nesse sentido, a partir do debate sobre o discurso e com base em leituras benjaminianas, Conceição (2012) considera o cronotopo na literatura como uma possibilidade para leitura Geográfica. É sabido que o tempo e o espaço são categorias presente na literatura. Nesse viés, a autora aborda: “Em um e noutro, nos quais o tempo é o princípio condutor, a geografia se inscreve na história e a história na geografia” (CONCEIÇÃO, 2012, p. 25). O texto é social, e sua criação pressupõe uma partilha de concepções de mundo em uma determinada época, por tanto a literatura revela nuances sociais sobre sua época.

NAS VEREDAS BENJAMINIANAS

Ao abordar sobre a história Walter Benjamin (1994) cita a grandiosa obra de Klee: “Angelus novus” para demonstrar como a história torna-se ruínas e estilhaços.



Para o autor, o materialista possui a função de compreender a história por meio da memória do sujeito, exatamente no momento em que o perigo se apresenta. Mediante tais apontamentos Benjamin afirma:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como de fato ele foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar na imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo ao sujeito histórico sem que ele tenha consciência disso. (BENJAMIN, 1994, p.224).

Para o filósofo, o valor principal está no conteúdo narrativo e não na história como ela se apresenta. Benjamin (1994) critica a forma tradicional como a história costuma ser contada, em que o historiador possui empatia aos vencedores. O autor aborda que dominadores pisam nos corpos que estão prostrados no chão. Essa é a relação de dominação, em que o vencedor, vence a custa dos vencidos. Além disso, Benjamin explica que os bens culturais, e os monumentos de cultura são às vezes também monumentos de barbárie. Por isso o historiador materialista “considera a sua tarefa escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN,1994,p.225), ou seja, cabe ao materialista ver a possibilidade de conhecer essa história pelo seu lado contrário, a história dos vencidos.

O Grande Sertão: Veredas, apresenta questões humanas e universais inerente ao ser humano e também apresenta questões sobre a história brasileira. Contudo sem polarizar a referida obra literária em extremos distintos, o presente artigo considera o caráter narrativo e a memória do ex jagunço como pontos importantes para compreender a história no viés benjaminiano.

PELO GRANDE SERTÃO: VEREDAS

A estrutura do livro roseano demonstra um aspecto comum com as concepções benjaminianas. Sua escrita confere um monólogo, não há divisões por capítulos, pois se tratam de lembranças e reflexões sobre a vida do próprio narrador. Por isso, um dos principais elementos de aproximação entre o Grande Sertão: Veredas e o filósofo alemão é a fragmentação do texto. Riobaldo, narrador e personagem do romance, relembra a sua vida de maneira fragmentada, suas lembranças não conferem com uma organização linear dos fatos, assim como a história não é linear.



Riobaldo imerso em suas memórias perpassa o passado individual e o social. Ele narra sobre sua individualidade, seus sentimentos, os acontecimentos da sua vida e a partir dessa narrativa é possível conhecer o sertão e os sujeitos que nele produzem e reproduzem seu espaço de vida. Camelho (2011) considera que em meio as diferentes camadas de tempo que se desenvolve a obra, há diversas formas de memória e esquecimento, sendo uma delas a memória individual e coletiva. A voz da coletividade atravessa a memória individual de Riobaldo. Por isso, Camelho (2011) defende que o livro Grande Sertão: veredas possui pouca afinidade com a ideia de indivíduo.

Emaranhado em suas memórias, Riobaldo conta sobre sua vida ao mesmo tempo em que revela a sua busca por respostas referente a própria vida. Ele direciona essa explicação ao interlocutor: “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba” (ROSA, 2006, p.229). É no ato de contar sobre sua experiência individual que Riobaldo revela, sob seu ponto de vista, as relações sociais sertanejas. O narrador demonstra a partir da subjetividade que ele é um ser social, por isso, é possível permear o espaço social roseano a partir da experiência individual de Riobaldo. Nesse sentido, o livro revela a contradição entre o espaço que produz o sujeito (ao mesmo tempo em que o sujeito produz o espaço) e o espaço produzido a partir da narração do sujeito:

A matéria da narração de Riobaldo é o sertão, o sertão no mundo e o mundo no sertão. Há que se considerar a dupla configuração do sertão, que, enquanto agente externo, produz o sertanejo, o jagunço, o fazendeiro, o narrador; mas que, enquanto objeto interno, é produzido pela narração de Riobaldo. A antinomia estabelecida inicialmente entre narração interior e individual (vida de sertanejo) e narração exterior e coletiva (matéria vertente) será articulada e tensionada pelo autor implícito de modo a revelar a matéria coletiva a partir da experiência individual. O sertanejo no sertão e o sertão no sertanejo. Sendo assim, há que se investigar que sertão é esse configurado e transmitido pelo narrador (ARNT, 2013, p.171).

Para Arnt (2013) o termo matéria vertente, citado por Riobaldo, seria essa forma de revelar a matéria coletiva a partir da experiência individual. Nesse sentido, a partir da matéria vertente é possível ir além de uma experiência individual e adentrar a história de formação do Brasil.

Carmello (2011) e Baião (2016) concordam com Benjamin que a historiografia tradicional conta a história apenas dos vencedores. Nesse sentido, o cientista pode buscar nas narrativas as vozes dos vencidos. Em Grande Sertão: Veredas a história é



narrada pelo jagunço, um sujeito sertanejo. Isso contrasta com a tradição teórica de produções textuais sobre o sertão, pois este “espaço” é comumente qualificado a partir da intencionalidade de dominação. Para Leitão Junior (2012) os textos que abordam o sertão são escritos, principalmente, sob o olhar externo, assim, raramente é o homem do campo quem fala sobre o seu espaço. Essa realidade se difere em Grande Sertão: Veredas, pois, nesta obra é Riobaldo um personagem que vive no campo, no sertão quem narra sua vivência. Entretanto, a figura do personagem possui algumas ambiguidades.

Diante das diferentes formas interpretativas do Grande Sertão: Veredas percebe-se que ele é o mundo contado pela experiência particular do jagunço. Partimos da ideia de que para compreender esse mundo que é revelado no Grande Sertão: Veredas é necessário conhecer quem é o narrador; voz que revela tanto sobre questões universais e sentimentos humanos, como também sobre a história e formação do Brasil.

Grande Sertão: Veredas pode revelar o pensamento da elite brasileira a respeito da incorporação da modernidade ao país, ou mesmo demonstrar as contradições que permeiam as relações sócioespaciais no espaço sertanejo. A história é um conceito valioso para a interpretação da realidade e para a Geografia, visto que para compreender o presente se faz necessário adentrar ao passado.

Conceição (2012) aborda que é indispensável contextualizar o texto, no entanto, a autora aprofunda o debate ressaltando a importância de compreender que os discursos são sociais e possuem outras vozes entrelaçados a ele. A respeito do Grande Sertão: Veredas a autora salienta:

A estrutura monológica aparente é narrada a um terceiro que, de forma híbrida, neutraliza o autor. No romance homofônico ou monológico, as vozes perdem a sua imiscibilidade e as consciências se tornam dependentes da consciência una do autor. O que questiona Riobaldo de forma prosaica? As dúvidas, as incertezas, a busca da verdade fazem parte de sua narração, que se apresenta sempre incompleta. A estrutura dialógica é explícita nas séries de perguntas, e, em geral, sem respostas. O cronotopo é a unidade de representação, em Grande sertão: veredas. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 26)

Riobaldo conta sobre sua vida a outro sujeito, porém não mantém diálogo direto com ele, sendo que as formas de dialogo são manifestadas por meio da voz de Riobaldo, única em toda a obra. Isso confere ao autor da obra uma neutralidade, sua concepção de mundo e seu posicionamento se escondem por trás da voz do narrador. Ao mesmo



tempo Conceição (2012) considera o cronotopo a unidade de representação da obra. Pois o que é revelado a partir do conteúdo narrativo roseano é o sertão. Por meio do cronotopo é possível compreender as relações sociais e espaciais que compõe o enredo da obra.

Ao partir dos pressupostos benjaminianos, considera-se necessário voltar o olhar de classe e analisar de quem é a voz que narra o Grande Sertão: Veredas; A voz dos vencidos ou dos vencedores? Situar e contextualizar o personagem narrador se mostra de suma importância para conhecer o sertão a partir dos seus fragmentos. Para Arnt (2013) a crítica literária se atentou pouco ao fato que Riobaldo é fazendeiro.

As mudanças marcam a vida de Riobaldo: na infância Riobaldo se apresenta em um contexto de pobreza. Durante a travessia no rio De-janeiro é revelado o contraste entre as vestimentas dele em relação às de Diadorim. Também, após a morte de sua mãe, a partir dos simples pertences que Riobaldo herda, é possível perceber que ele não pertencia, naquele momento, à classe dominante. Após a morte de sua mãe, ele vai morar com seu padrinho Selorico Mendes (que na verdade é seu pai), um fazendeiro. A partir desse momento Riobaldo passa a pertencer à outra posição social: o filho do fazendeiro, isso vai repercutir na sua vida futura após o fim do jaguncismo, já que ele herda as terras do seu pai.

Assim, ressalta-se a dualidade presente no personagem Riobaldo, filho de uma mulher simples e um fazendeiro: por um lado, ele foi a criança simples que pediu esmola para pagar uma promessa, por outro, foi o filho do fazendeiro. A partir do momento em que ele passa a morar com Selorico Mendes, ele se torna, a princípio, um sujeito letrado, em seguida um jagunço e ao avançar da idade um fazendeiro.

O livro apresenta diferentes Riobaldos, fruto das mudanças ocorridas em sua vida, desde a infância até a sua vida idosa houve mudanças não apenas referente à sua personalidade, como também os espaços sociais em que ele se insere: O menino, o professor, o jagunço tataranha, o chefe Urutu branco e por fim a o personagem do tempo presente: o fazendeiro. Em cada um desses momentos ele ocupa uma posição diferente na sociedade. Nesse sentido, afirma Arnt (2013) que é a posição como fazendeiro que confere a ele o poder de fala.



Consideramos que a experiência coletiva atravessa a experiência individual de Riobaldo, portanto é através da voz do ex jagunço e fazendeiro que é revelado o espaço social. A partir do conteúdo narrativo é possível perceber quem são os sujeitos que compõem esse sertão, também é possível dar voz aos sujeitos miserabilizados, que dentro da concepção benjaminiana poderíamos considerar como os vencidos.

Diante da experiência coletiva, Riobaldo revela o sertão e as contradições que compõem esse espaço. Assim, é por meio da fala de Riobaldo que é possível compreender as relações sociais e as desigualdades que compõem o sertão. Por meio de Diadorim, mulher que se veste de homem para ocupar um lugar no jaguncismo, e de outras mulheres que estão presente na obra é possível compreender a antecipação de questões (atuais) de gênero, machismo e patriarcado. Além disso, por meio do amor entre Riobaldo e Diadorim é possível antecipar alguns debates no que diz respeito a questões LGBTQIA+, no momento em que Riobaldo revela um sentimento por seu amigo Diadorim.

A partir experiência coletiva de Riobaldo também é demonstrado a divisão de classe e poder no espaço roseano. Por meio da relação entre Seô Habão e os catrumanos é possível adentrar no debate sobre relações de poder no campo, ao compreender a relação entre fazendeiro (Seô Habão) e agregados (Catrumanos), no que diz respeito a exploração do trabalho. Seô Habão ao conversar com Riobaldo demonstra interesses comerciais e produtivos, sendo uma das suas ideias como fazendeiro explorar ao máximo os moradores do Surucuiú. Seô Habão revela essa visão dominante ao conversar com Riobaldo:

Disse que ia botar os do surucuiú para o corte da cana e fazeção de rapadura. Ao que a rapadura havia de ser para vender para eles do surucuiú, mesmo, que depois pagavam com trabalhos redobrados (ROSA, 2006, 415)

As relações de poder no campo roseano vão além de trocas de favores entre fazendeiros e agregados. Nos trechos em que Seô Habão dialoga com outros jagunços, Riobaldo deixa clara a impressão sobre os objetivos do fazendeiro em escravizar seus trabalhadores incluindo os jagunços. Esse tipo de relação de poder também é revelada por meio de Riobaldo, após o fim do jaguncismo, este passa ser fazendeiro (herança do seu pai Selorico Mendes) e mantém junto contigo os seus amigos, ex jagunços. Assim, ressalta-se novamente a relação de poder dos fazendeiros e de troca de favores com os



demais sertanejos como características do campo no período da obra. Nesse sentido Arnt salienta:

É justamente a dinâmica violenta do processo social o mais importante material a compor a “matéria vertente” da narração Riobaldo, que, a partir do relato dessa matéria, permite ao interlocutor a observação das componentes do sistema jagunço em sua interação dinâmica a partir da focalização no jagunço. Em GSV, a experiência rural internalizada ao romance aponta para as múltiplas determinações constitutivas do mundo rural — o espaço do sertão/latifúndio; os tipos de trabalho; as formas de sociabilidade (incluindo amor e ódio); o coronelismo; o conflito entre arcaico e moderno; a violência.(ARNT, 2013, p.175)

A experiência coletiva e social de Riobaldo compõe a matéria vertente e demonstra as determinações que constitui o mundo rural brasileiro, dentre elas está o grande o latifúndio e as formas de poder que essa estrutura impõe ao campo. No livro essas relações são reveladas em personagens de maneira explícita, como no caso de Seô Habão que fala claramente em explorar e escravizar os trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Riobaldo personagem e narrador demonstra a partir da subjetividade o espaço social do Grande Sertão: Veredas. Assim, é possível adentrar as contradições sociais. Isso demonstra o poder da literatura em revelar o espaço social e o chão histórico. Ao mesmo tempo em que ao adentrar os fragmentos das lembranças de Riobaldo, o leitor se depara com as ruínas da história do Brasil.

O espaço é revelado a partir das lembranças do personagem, portanto o Grande Sertão: Veredas concretiza a relação tempo e espaço. Para compreender as questões espaciais é necessário adentrar na história, por um lado individual próprio do jagunço, por outro, social que demonstra o sertão.

Portanto, contextualizar a literatura é de suma importância para compreender suas representações para além de seu conteúdo. A literatura é uma forma de voltar no tempo e descobrir questões sociais e problemas humanos que afligem uma época.

A partir dos fragmentos da narrativa de Riobaldo é possível compreender as determinações sociais e espaciais do Brasil, para além do período de publicação da obra. Pois diante da abundância de possibilidades e interpretações do Grande Sertão: Veredas,



ele também revela determinações da estrutura agrária brasileira: o latifúndio, as relações de poder e a figura do fazendeiro.

A partir da experiência social de Riobaldo revela-se o espaço rural e suas contradições sociais, tanto a respeito da estrutura agrária, quanto às relações de poder que compõem esse espaço. Algumas questões, como por exemplo, o debate sobre gênero, alcança maior ênfase em períodos posteriores ao contexto histórico do Grande Sertão: Veredas. Portanto, o livro narra a realidade tal como ela é, assim, é possível perceber o debate sobre gênero porque são opressões sociais, que estão presentes no contexto real.

A partir do espaço rural roseano, outras questões sociais se revelam a partir das minorias que estão presentes no espaço. O Grande Sertão: Veredas transcende outras formas de opressão; a exploração do trabalho, a opressão contra a mulher, a possibilidade de romance entre dois homens. Essas minorias são expressão da realidade. Assim, como acontece no Grande Sertão: Veredas, o espaço se modifica e as relações se modernizam, mas as formas de opressões perpetuam e os vencidos permanecem como vencidos. Seriam os vencidos, os proletários, os camponeses, os sertanejos, a mulher e os sujeitos miseráveis.

REFERÊNCIAS

ARNT; Gustavo, **Sistema jagunço: a dialética entre homens provisórios e sujeitos da terra definitivos no romance regional brasileiro**, tese (doutorado) , Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15973> Acesso em: 08. Out. 2021

ARRIADA; Eduardo, "Uma história dos sem nomes": a visão de história em Walter Benjamin, **revista história da educação**, Pelotas, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30229> Acesso em: 12. Mai. 2021.

BAIÃO; Livia de Sá. **A trama e a urdidura em Grande sertão: veredas – Benjamin relampeja no sertão roseano**, dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro ,2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/bps-2726> Acesso em: 12. Mai. 2021..



BENJAMIN; Walter. Experiências e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 7 ed,1994, p.114-119.

____ O Narrador. Considerações sobre a obra de Nilolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 7ed,1994, p.197-221.

____ Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 7ed, 1994e, p.222-234.

BERMAN; Marshal, Tudo que é sólido se desmancha no ar: Marx, modernismo e modernização, in.____. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade, companhia de bolso, 2º reimpressão, São Paulo, 2007, cap.2**

CARMELLO; Patrícia da Silva, **Memória E Esquecimento No Grande Sertão: Veredas, De João Guimarães Rosa: Travessia e Melancolia**, tese (doutorado), Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:<
http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/8-tese_patriciacarmello.pdf > Acesso em: 11.Nov. 2020.

CONCEIÇÃO; Alexandrina Luz, A Natureza Social do Discurso Geográfico, in **revista terra-livre**, Ano 28, V.2, n.39, São Paulo, 2012. Disponível em: em: em: <
<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/download/451/426>. > Acesso em:.19.Nov..2020.

FIGUEIREDO; Wellington dos Santos, PELAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DE GUIMARÃES ROSA PARA UMA EPISTEMOLOGIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO – NOTAS INTRODUTÓRIAS, revista Ciência Geográfica, ano XVIII, V. XVIII, Bauru – SP, 2014. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVIII_1/agb_xviii1_versao_internet/Revista_AGB_JanDez2014.pdf Acesso em: 08. Out. 2021.

LEITÃO JÚNIOR; Artur Monteiro, As Imagens do Sertão na Literatura Nacional O projeto da modernização na formação territorial brasileira a partir dos Romances Regionalistas da Geração de 1930, **revista Terra Brasilis**, 2012. Disponível em: Acesso em: 20.jan.2021.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas**, Editora Annablume, 5ªed, São Paulo- SP, 2005



_____. O Sertão: um outro Geográfico. In **Revista Terra Brasilis**, n. 4-5, Rio de Janeiro, 2003.
Disponível em: <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>>
Acesso em: 28. Mar. 2019.

MOREIRA, Ruy. Ser-Tões: O Universal no Regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: **Pensar e Ser em Geografia: Ensaios de História, Epistemologia e Ontologia do Espaço Geográfico**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA; Luciano Accioly Lemos, MORAES; Adreia Pereira, A arte e o artista no capitalismo: da clausura a conquista do mundo. In: MORAES; Andréa Pereira, MAGALHÃES ; Belmira, MOREIRA; Luciano Accioly Lemos, **Estética E Crítica Literária Reflexões acerca do pensamento estético em Lukács e Marx**, Instituto Lukács, 1º ed, São Paulo, 2017. Disponível em: < https://ed56e1fd-a4d0-4bfe-a746-de350872ed41.filesusr.com/ugd/46e7eb_6581ed1617664c97beccde5432ffcc93.pdf>

Acesso em: 01. Jun. 2021.

ROSA; João Guimarães, **Grande Sertão: veredas**, Nova Fronteira, 1º ed, Rio de Janeiro, 2006.

SIFFERT; Alysson Quirino. **Realismo e Modernidade em Grande Sertão: Veredas**, Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, 2017.

Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-ALLN59/1/realismo_e_modernidade_em_grande_sertao_veredas___alysson_q_siffert.pdf
df Acesso em: 02. Jul. 2021.

TEÓFILO; Rafaela Teixeira, SANTOS; Deribaldo, A particularidade como elo de mediação para a esfera estética: uma síntese, in. In: MORAES; A.P. MAGALHÃES ; B. MOREIRA; L. A.L. **Estética E Crítica Literária Reflexões acerca do pensamento estético em Lukács e Marx**, Instituto Lukács, 1º ed, São Paulo, 2017. Disponível em: < https://ed56e1fd-a4d0-4bfe-a746-de350872ed41.filesusr.com/ugd/46e7eb_6581ed1617664c97beccde5432ffcc93.pdf>

Acesso em: 11. Jun. 2021